

FHC não cede a pressão dos EUA

Presidente reafirma que abertura do mercado vai depender das condições internas

por Janes Rocha
de Manaus

O presidente Fernando Henrique Cardoso mandou um recado sutil para os Estados Unidos durante sua passagem por Manaus no último sábado. No discurso de encerramento do Encontro Empresarial Brasil Venezuela (ver matéria nesta página), o presidente lembrou aos empresários que a posição do Brasil na próxima reunião da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) - em Belo Horizonte, em maio - continua sendo de abrir o mercado brasileiro quando o País considerar adequado às suas condições e não imediatamente como querem os norte-americanos.

“As propostas têm que ser colocadas com clareza sobre a mesa, sem arrogância, com clareza, para que sejam negociadas ponto-a-ponto, para que nós possamos ver

o que interessa a nós, o que não interessa, quando interessa, quando será possível e quais serão as regras de flexibilização recíprocas, a partir das quais podemos e vamos aceitar o jogo da integração”, afirmou o presidente.

Fernando Henrique disse ainda que, com base no conhecimento que tem da política, da vida e das lideranças americanas, a melhor linguagem para os EUA é “a linguagem direta”. “É a que desempenha porque se vê por ela franqueza, vontade que nós temos de buscar formas que permitam, através da integração hemisférica, uma ampliação de nossas possibilidades. Mas nós também temos consciência de nossas limitações, e temos que ser senhores de nosso tempo. O tempo tem que ser discutido tendo em vista as nossas possibilidades efetivas e com muita clareza.

FHC falava a uma platéia qualificada: cerca de 50 empresários brasileiros e venezuelanos que participavam de um encontro promovido pelo Ministério da Indústria, Comércio e Turismo (Mict), das Relações Exteriores e pelo governo da Venezuela. Participavam do encontro o presidente venezuelano Rafael Caldera, os ministros Francisco Dornelles e Freddy Rojas Parra. Fernando Henrique reforçou, ainda, junto com Caldera, a posição colocada pelos ministros da indústria e comércio dos dois países de que a integração entre os dois países está nas mãos dos empresários.

Falando do tempo em que trabalhou na Cepal como pesquisador, na década de 70, Fernando Henrique ressaltou que todos os processos de integração - Aladi, Mercosul e agora Alca - “só ca-

minharam depois que visionários, sejam intelectuais, sejam políticos, deram lugar aos empresários. Se no começo vislumbrávamos a possibilidade de uma relação mais estreita entre Venezuela e Brasil, essa visão era estratégia de política internacional, de compreensão do relacionamento entre os povos. Hoje ela começa a ser uma visão mais realista de projetos. O caminho está se pavimentando”, afirmou.

E propôs ao presidente Rafael Caldera um pacto pela melhoria das condições de vida dos dois povos. “Devemos formar um pacto entre nós de melhoria de condições de vida de nossas populações e o elemento mais sensível para isso é a educação. É a educação que vai permitir empregos no futuro, permite cidadania, a compreensão das culturas múltiplas”, afirmou.